

História de Almeirim

ALMEIRIM: a sua história e origem do nome

"A história de Almeirim prolonga-se nos tempos, com figuras e factos de importância que lhe deram um perfil de vila cortesã, de orgulhosos pergaminhos que fizeram dela um lugar apetecido."

(Dr. António Cláudio, in "Conhecer Almeirim")

A história de Almeirim começa sempre com a citação de que foi fundada por D. João I em 1411.

Foi com efeito este rei, precursor da dinastia de Avis que, sentindo-se atraído pela paisagem que se alongava por campos e arvoredos, mandou edificar o Paço Real, núcleo da futura vila onde se iriam traçar alguns dos planos importantes da governação.

Com as suas magníficas coutadas de caça, de grande extensão, a vizinhança de Santarém, com acesso por via fluvial através do Tejo, Almeirim tornou-se lugar preferido dos reis da II Dinastia e estância aprazível de Inverno, frequentada pela corte. Dizia-se até que estava "em pilha como sardinha!"



Provável imagem do Paço Real

Painel de azulejos, séc. XVIII, Igreja de S. Vicente de Fora, Lisboa.

Mas a história do seu território começa muito antes, testemunhada por achados de diversas estações arqueológicas que, ao longo do rio, marcam a presença de outros povos. A história de Almeirim é rica em episódios que nem sempre podem ser confirmados por monumentos ou outros vestígios, em virtude do desinteresse ou do desleixo dos homens.

Os achados arqueológicos da Estação da Azeitada (Benfica) e do Alto dos Cacos (Almeirim), testemunham a presença humana a partir do Paleolítico superior. As épocas do Bronze e do Ferro revelam a presença de populações que desenvolveram a agricultura e a criação de gado.

Os Romanos que chegaram no Séc. I a. C. ocuparam esta zona, demarcando terras e criando «Villae» agrícolas, destacando-se a cultura do trigo, da oliveira e a criação de gado. As Legiões Romanas do décimo Junius Brutus acamparam perto de Santarém deixando marcas importantes.

Por aqui passava a notável via militar romana que ia de Lisboa para Mérida, capital da Lusitânia

ALMEIRIM: a sua história e origem do nome

Existem notícias de que já no tempo dos mouros, havia no local uma povoação com o nome que hoje tem: Al-Meirim, que poderá ser nome de homem ou (segundo o Dr. Jorge Custódio) Meirim pode ter o significado de paul, em árabe. De facto os paus caracterizavam os solos desta região.

Em 1411 o rei D. João I compra as terras compreendidas entre o Paúl da Atela e o da Azeitada (Arneiros de Vila Longa - Benfica do Ribatejo). Os terrenos são divididos pelo rei (Reguengo da Terrugem), pelo Patriarcado de Lisboa, por Ordens Religiosas e proprietários de Santarém e Lisboa.

Assim é criada a Coutada Real de Almeirim, demarcada em 1424. A «estrada» era então o Tejo...

A partir desta época a nobreza virá participar em caçadas, em especial ao javali e a porcos-monteses.

D. João II concede a Almeirim a «**Carta de Privilégio**», como já foi referido. De Vila passará a sede de Concelho. Com essa Carta, os moradores de Almeirim ou quem viesse para cá morar, estavam isentos de serviços, de talhas, fintas, coimas, empréstimos e carregos.

Só a Família real podia contar «com o que lhe era devido».

Do hospital, fundado por D. João III em 1527, não ficaram vestígios.

Terá sido D. Manuel I a mandar erguer o Paço da Ribeira de Muge.

Mandou igualmente construir uma casa de oração, que doou à Ordem de S. Domingos. Posteriormente, aí mandou erguer um mosteiro, que serviria de aconchego aos que procuravam repouso e oração. O convento tomou o nome do primeiro local onde foi erguido - Convento de Nossa Senhora da Serra. Deste património arquitetónico falaremos mais adiante.

Almeirim nasce e quase morre com a 2ª dinastia. A partir de então os reis abandonam o paço, a coutada real será extinta em 1821 e o paço será demolido em 1889.

Almeirim vai-se desenvolvendo progressivamente, atingindo maior crescimento demográfico, económico e social e passando a concelho.

Em 1991, com a elevação de Almeirim a cidade (e a de Fazendas de Almeirim e de Benfica do Ribatejo a vilas) foi alterada o Brasão, ao qual foi acrescentado uma torre, mantendo-se todos os símbolos anteriormente aprovados.

Brasões



Durante largos anos foi utilizado o antigo brasão, como armas do município de Almeirim, até que, após consulta à Procuradoria-geral dos Municípios, foram determinadas as armas, selo e bandeira do município de acordo com a doutrina do Estado Novo, tal como se passava em todo o país. Depois da descrição histórica e apresentação de elementos valorativos para elaboração da nova heráldica de Almeirim, a Procuradoria mandou-a ordenar da forma que passaria a ter a partir de Fevereiro de 1936.

ARMAS

«Partidas de uma pala de negro e duas de oiro, sendo a de negro carregada por uma águia aberta de oiro de voo abatido, acompanhada em chefe por uma seta de oiro carregada por uma quina de Portugal e, em contrachefe, por três faixas onduladas, duas de prata e uma de azul.

As palas de oiro são carregadas cada uma por uma trompa de caça de vermelho, forrada de negro, acompanhada em chefe e contrachefe, por cachos de uvas de púrpura folhados e batidos de verde.

Coroa mural de prata de quatro torres e listel branco com os dizeres "Vila de Almeirim " de negro.»



Figuras e factos históricos de Almeirim

Foi em Almeirim que D. Sebastião recebeu a seta, relíquia do mártir S. Sebastião, que fora oferecida pelo Papa Gregório XIII, em 1574. Esta seta ficaria integrada no brasão da Vila (ver imagem). A partir de então passou a realizar-se a procissão em honra de S. Sebastião e que, durante muitos anos, deu grande brilho a Almeirim.

De referir que D. Manuel passou em Almeirim o ano de 1510, parte de 1513, o Natal de 1514 e o período entre Outubro de 1515 e Maio de 1516. D. João I seguiu-lhe o exemplo (para mais informações, consultar a “Cronologia”).

Em Almeirim efetuaram-se festas pomposas, aqui nasceram ilustres portugueses, realizaram-se casamentos entre príncipes, donzelas e infantes e promoveram-se magníficas e majestosas festas que animaram por muitos dias e noites o palácio real.

Entre outras pessoas notáveis, nasceram em Almeirim:

- D. Afonso, infante de Portugal, filho de D. João III
- D. Fernando, filho de D. Duarte.
- D. Duarte, filho do Infante D. Duarte e D. Isabel, filhos de D. Manuel I.
- Supõe-se que o cardeal D. Henrique tenha nascido em Almeirim.

Também tiveram lugar reuniões mundanas, conferindo à Vila um maior significado histórico

Destacamos ainda as representações de autos de Gil Vicente, nomeadamente o Auto da Fé e o Auto da Barca da Glória, a tragicomédia Dom Duardos, a farsa do Juiz da Beira, a tragicomédia Templo de Apolo, o Breve Sumário da História de Deus e o Diálogo sobre a Ressurreição (ver “Cronologia Histórica”). Também não podemos esquecer as Cortes que se realizaram em Almeirim, tema que abordaremos mais adiante.

Registamos três episódios que ocorreram com figuras ilustres, durante a permanência da Corte:

A Sentença

Durante uma sua estadia em Almeirim, onde costumava estar com frequência, D. Sebastião teve conhecimento de que um homem matara um veado na coutada real. El-Rei, com o ímpeto da mocidade, mandou de imediato uma ordem ao Governador de Justiça para que, no dia seguinte, mandassem executar o autor daquela morte.



O Governador pegando na ordem lançou-a ao fogo, mandando de seguida o moço da Câmara dizer ao Rei aquilo que vira. Ao ter conhecimento desta atitude do seu Governador, logo o mandou chamar, perguntando-lhe porque queimara a ordem de execução do delinquente.

-Sim, Senhor, entendo que fiz um grande serviço a V. Alteza, porque não permita Deus que se veja um papel em que mandou matar um homem por causa de um bruto.

Deixando cair o seu olhar sobre o rosto do reto e nobre fidalgo, D. Sebastião deu-lhe razão e agradeceu a D. Martinho a sua prudente resolução que evitou

Figuras e factos históricos de Almeirim

que se procedesse a um acto indigno.

A Montada

A manhã do dia 7 de Fevereiro de 1756 acordara enevoada, em Almeirim. No Paço Real encontrava-se El-Rei D. Sebastião que quis sair a cavalo. Perguntando-lhe o estribeiro-mór que cavalo preferia, El-Rei apontou o mais fogoso da cavalaria real. D. Aleixo, aio de D. Sebastião, sempre vigilante e cuidadoso, disse-lhe:

-Escolha Vossa Alteza o cavalo que quiser, mas esse não porque se o montar, a sua vida corre perigo.

D. Sebastião, enfadado com o cuidado do aio, disse-lhe que o montaria, porque desprezava os perigos.

D. Aleixo, curvando-se respeitosamente, retorquiu com voz calma e serena:

-Se Vossa Alteza o fizer contra a indicação do seu aio, considere-me despedido desse ofício.

Um fidalgo que observava esta cena foi junto de D. Sebastião, que saíra colérico com a atitude do seu aio, beijou-lhe as mãos, dizendo que as vontades dos reis eram soberanas e não escravas.

El-Rei, deu conta do toque do fidalgo, voltou os passos para dentro, dizendo:

- Oh D. Aleixo, mandai selar o cavalo que quiseres, pois já ali fora me beijaram a mão porque vos fui desobediente.

E partiu para o seu passeio...



A Cavalgada

O mês de Julho corria calmo. Estava-se a 12, do ano de 1491. D. Afonso, filho de D. João II e de D. Leonor, estava em Almeirim, com D. João de Meneses, irmão de D. Duarte de Meneses.

Resolveram dar um passeio a cavalo até às margens do Tejo, levados pelo gosto da aventura. Quando o dia começava a declinar, o Infante pediu para regressarem ao paço, mas que o fizessem galopando. A cavalgada começou, quando, subitamente, a montada se espantou atirando o Infante ao solo.

Sem dar sinais de vida, o Infante foi levado para uma cabana de pescadores, onde esteve rodeado por gente da Corte. O filho predileto do rei acabou por morrer, deixando a Corte na mais profunda dor.

Nascido a 18 de Maio de 1475, tinha só 16 anos. Único herdeiro legítimo de D. João II, o rei acabara de concretizar o sonho de o casar, em Évora, com Isabel de Castela, filha dos Reis Católicos. Sete meses apenas após o enlace o Infante acaba por encontrar a morte, em terras do vale do Tejo.

(Adaptação de textos do Dr. António Cláudio)